

A REPRESENTAÇÃO DOS IDEAIS SOCIALISTAS EM *SCHWARZENBERG*, DE STEFAN HEYM

Márcio José Coutinho©

RESUMOⁱ

A literatura da ex-RDA é considerada uma literatura engajada, pois dela faz parte um grupo de escritores que tinham por objetivo construir uma sociedade socialista democrática. Para isso, a arma de que se valiam esses escritores era a literatura. Uma das obras que melhor representa esses ideais é o romance *Schwarzenberg*, de Stefan Heym. Na obra, um grupo de ex-perseguidos pelo nazismo, liderado por Max Wolfram sonha em transformar em uma república socialista livre um pequeno território que, logo após o término da Segunda Guerra, não havia sido ocupado pelas potências aliadas.

PALAVRAS-CHAVE: República Socialista, praxis, alienação

INTRODUÇÃO

Ao final da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha estava arrasada. As perdas foram tanto materiais quanto humanas. No primeiro caso, puderam-se observar as ruínas deixadas pelos ataques aliados; no segundo, os soldados mortos, os judeus exterminados em campos de concentração. Além disso, o governo alemão passou ao domínio das potências aliadas – compostas pelos Estados Unidos, pela França e pela Inglaterra (potências capitalistas) e União Soviética (socialista) – que dividiram a Alemanha em quatro zonas de ocupação militar. A região ocidental do país foi dividida entre as três primeiras potências capitalistas, cabendo à última o lado oriental da Alemanha. Em virtude desse quadro, a Alemanha tornou-se uma sociedade desestruturada. A fome, a precariedade de moradia, o desemprego, as doenças, o medo, a revolta imperavam nesse país.

Numa tentativa de reorganização da sociedade, muitos intelectuais – principalmente escritores – optaram por viver na parte oriental da Alemanha, onde lutaram pelo socialismo, por ser esse um sistema voltado às necessidades do povo. Para tanto, um dos meios empregados por esses intelectuais foi a literatura. Através dela, eles poderiam disseminar seus ideais e conscientizar o povo de que poderiam lutar por uma sociedade mais

justa. Por isso, essa pode ser considerada uma literatura engajada.

Os ideais socialistas são motivos recorrentes nas obras de muitos desses escritores, dentre os quais merece destaque o autor Stefan Heym (1913-2001), com sua obra *Schwarzenberg*.

Tomando como base a visão de autores como Karl Marx, Hegel e Friederich Engels, os ideais socialistas em *Schwarzenberg* são aqui analisados. Para tanto, este trabalho está dividido em quatro segmentos. Na primeira parte, explicam-se, de modo geral, as condições sociais da Alemanha logo após o término da referida guerra, bem como o modo pelo qual esse quadro foi se delineando durante os anos antecedentes. Na segunda parte, aborda-se a literatura produzida na época. Na terceira parte, explana-se a concepção do socialismo, de acordo com elementos teóricos de Marx, Engels e Hegel, bem como os conceitos de *alienação* e *praxis*, que serão empregados na análise da obra. Por último, analisa-se, a partir da obra, a representação dos ideais socialistas, ou seja, as tentativas de, através da *praxis*, reverter a *alienação* de uma sociedade.

1 A Segunda Guerra Mundial e as condições sociais da Alemanha

A ruína social alemã não é resultado apenas da derrota na guerra. Esta situação calamitosa foi sendo delineada desde os anos 20, quando a instabilidade política da República de Weimarⁱⁱ deu condições para que se desenvolvesse o partido nazista.

Em 1933, Hitler assumiu o poder como primeiro ministro e implantou a ditadura nazista. Ele centralizou em si todo o poder, proibiu a formação de outros partidos que não o seu, desmantelou os sindicatos, revogou os direitos fundamentais e a liberdade de imprensa. Hitler, com seus ideais de defesa do nazismo, começou uma perseguição brutal a possíveis pessoas prejudiciais ao regime, fazendo desaparecer, sem qualquer processo judicial, milhares de pessoas, em campos de concentração improvisadosⁱⁱⁱ. No ano seguinte, Hitler assumiu a

presidência da Alemanha, apossando-se do comando supremo das forças armadas.

Logo que ascendeu ao poder, o regime nazista pôs em prática seu programa anti-semita. Os judeus perderam seus valores individuais e cívicos. Então, em 1942, Hitler finalizava essa questão: os judeus foram perseguidos tanto na Alemanha quanto em países já invadidos por ela e exterminados em campos de concentração na Polônia. Essas brutalidades não se limitaram apenas aos judeus, mas estenderam-se a várias outras minorias como idosos e homossexuais. Afora isso, o regime nazista investiu fortemente em propagandas e em um sistema de ensino cujo resultado seria a adaptação do povo a esse regime. Aqueles que resistiam eram mortos.

Onerosas foram as perdas com a guerra. Investimentos em armas, mantimentos para as tropas consumiam todo um capital que poderia ser empregado para atender às necessidades sociais.

Com o término da guerra, o que sobrou da Alemanha foi o caos. Devido aos bombardeios sofridos, a maioria das cidades estava em ruínas, e a economia estagnada. Milhões de alemães haviam se tornado prisioneiros de guerra, estavam desabrigados ou em fuga. Além disso, as potências vencedoras da guerra dividiram o país em quatro zonas de ocupação militar, com o intuito de redemocratizá-lo e evitar que tentasse novamente conquistar a hegemonia mundial. Nesse sentido, as potências aliadas criaram uma política de desarmamento da Alemanha.

Era bastante elevado o preço imposto à Alemanha como reparação de guerra, principalmente por parte da União Soviética. Stálin exigia pagamentos tão elevados que a zona de ocupação soviética não podia gerá-los sozinha. Ele exigia 20 milhões de dólares e 80% das empresas industriais alemãs.

Foi criada, então, uma política de desmonte em que empresas alemãs eram entregues como forma de pagamento aos aliados. Sobre isso Lyra Tavares, no livro **Quatro anos na Alemanha ocupada** (1951), afirma: “A conferência sobre reparações de guerra, realizada em Paris, em 31 de dezembro de 1945, distribuíra, percentualmente, as reparações de guerra, entre as nações aliadas participantes, (p.20)[...] O estudo do problema das reparações de guerra se reveste[...] de uma dupla importância. Por um lado, ele é parte essencial da política aliada de ocupação da Alemanha, tanto no que respeita ao aspecto punitivo e aos súbditos aliados, como pela parte essencial que a política das reparações representou na economia da Alemanha

de após-guerra, na redução do seu potencial industrial e na eliminação da sua máquina militar”(p.75). Isso ia ao encontro do Plano Morgenthau (1944), cujo objetivo era transformar a Alemanha em um país essencialmente agrícola.

As potências capitalistas, por sua vez, tinham maior interesse em estabelecer economicamente a Alemanha para que essa última pudesse integrar uma Europa Central estável, dentro de um sistema de equilíbrio global. A política de desmonte suscitou várias divergências entre a União Soviética e as potências aliadas capitalistas. A essas, sucederam-se várias outras divergências a respeito da administração das zonas de ocupação. Logo, os objetivos comuns entre as potências aliadas, no que se refere ao destino da Alemanha, reduziram-se à política de desarmamento do país.

Essa diferença nas metas políticas relativas às zonas de ocupação militar, somada a certas decisões tomadas por Stalin, sem o conhecimento e o consentimento dos demais aliados, contribuiu para que houvesse uma ruptura entre eles e a posterior divisão da Alemanha.

2 A literatura da extinta RDA

O surgimento da literatura engajada coincidiu, na Ex-RDA, com a divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação militar, em 1945, e se estendeu até a queda de Berlim, em 1989. Essa literatura era constituída por um conjunto de autores que, de alguma forma, foi lesado pelo regime nazista. Esses autores podem ser incluídos, segundo Erhard Engler^{IV}, em seis grupos:

1. Autores que permanecem no país durante a emigração interna como o caso de Erich Kästner, Ehm Welk e Alfred Andersch;
2. Autores que sobreviveram aos cárceres e aos campos de concentração, como Jean Améry e Bruno Apitz;
3. Escritores que voltaram da emigração. Estes formaram o grupo mais importante: Bertolt Brecht, Thomas e Heinrich Mann, Anna Seghers, Alfred Döblin, Carl Zuckmeyer, entre outros;
4. Jovens que participaram da guerra e sofreram uma profunda desilusão. Entre eles, pode-se citar Wolfgang Borchert, Heinrich Böll, Günter Grass, Franz Fühman e Hermann Kant.
5. Autores que vieram das regiões orientais perdidas pela Alemanha na guerra. São eles Johannes Bobrowsky, Siegfried Lenz, Franz Fühmann e Günter Grass;

6. Autores que, durante a emigração, perderam todas as esperanças e se suicidaram, como Kurt Tucholsky, Walter Benjamim e Stefan Zweig. A obra desses últimos autores, porém, continuou a influenciar as gerações futuras.

O próprio Erhard Engler afirma, no mesmo artigo: “Após a emigração, a opção dos autores por uma das zonas de ocupação era considerada uma confissão política, pois, a guerra fria ia transformando os aliados de então em adversários ideológicos e políticos” (p. 10). Pelo fato de, nas zonas ocupadas pelas potências ocidentais empreender-se a restauração do capitalismo, a maioria desses autores optou pela zona de ocupação soviética, com o intuito de construir um verdadeiro socialismo em que imperassem a liberdade, a igualdade e a democracia. A União Soviética, no entanto, instalou, na sua zona de ocupação, uma ditadura disfarçada de democracia, contra a qual os autores alemães precisavam reagir.

Em 1949, a Alemanha foi dividida em dois estados, A República Federal Alemã (RFA) e a República Democrática Alemã (RDA). Esse fato serve de marco divisório entre a literatura dos dois países.

A partir de 1950, conforme Eloá Heise e Ruth Röhl, o governo socialista propunha para a literatura da RDA o chamado Realismo Socialista, programa que indica como temáticas a vida e a luta da classe operária. Nesse sentido, as obras deveriam ser progressistas, apresentando personagens positivas^v, que se identificassem com a visão de mundo do comunismo.

Estabeleceu-se, ao mesmo tempo, a censura. Muitas obras consideradas prejudiciais ao sistema foram retiradas do mercado.

Alguns autores adaptaram-se aos padrões ditados pelo Estado. Outros, entretanto, reagiram, usando a própria literatura como meio de reação, através, principalmente, da linguagem alegórica sob a qual encobriam certas críticas ao sistema vigente. Com a morte de Stalin, em 1953, houve certa abertura política e cultural na RDA. Essa abertura aumentou a resistência de certos escritores como Peter Hacks, Heiner Müller, Wolf Biermann e Sarah Kirsch.

Críticas antifascistas e ideais socialistas são motivos recorrentes em muitas das obras dos autores desse período. Uma das obras que melhor representa os ideais socialistas na Alemanha é **Schwarzenberg**, de Stefan Heym, em torno da qual a abordagem, nesse trabalho, se situa.

3 O socialismo e as relações entre os homens

Existe uma diferença básica entre sociedade socialista e capitalista. Uma sociedade socialista seria aquela cujo povo controla os meios de produção. Sendo esses de posse comum, não haveria concorrência, resultando daí a liberdade e a igualdade social. Todos trabalhariam para atender às necessidades de todos. Já na sociedade capitalista há a concentração dos bens de produção nas mãos de poucos, principalmente donos de fábricas, que exploram ao máximo a força de trabalho.

No capitalismo, de acordo com Madan Sarup^{vi}, os trabalhadores, separados dos meios de produção, têm que vender a sua capacidade de trabalho. A soma dessas duas unidades (meios de produção e capacidade de trabalho) constitui uma unidade de capital. O capitalista visa sempre mais à ampliação dessa unidade, de modo que o processo de trabalho se condiciona pela acumulação de capital. Assumir o controle do processo de trabalho tornou-se essencial ao capitalista. Uma das formas de obter esse controle seria a divisão social do trabalho, posto que, por consequência dessa, os trabalhadores passam a desconhecer a completude do processo de produção^{vii}.

Essas condições refletem o que Karl Marx^{viii} chamou de *alienação*. Na *alienação*, o homem perde o direito de controlar suas próprias atividades. Karl Marx afirma que os objetos que o homem produz se tornam seu senhor. Isto significa que a alienação transforma o sujeito humano no objeto de seus produtos.

Uma das soluções proposta por Karl Marx para o combate da alienação seria a abolição do capital, de todas as relações de propriedade e da divisão do trabalho, tendo em vista que “a divisão do trabalho reduz o homem, pois faz da ocupação que lhe é atribuída a sua principal característica”.^{ix}

Marx idealizou uma sociedade que abolisse a alienação, não pela abolição do trabalho, mas de suas condições alienantes. Essa seria a sociedade socialista, uma sociedade na qual houvesse a solução do conflito entre o homem e a natureza e a realização, por parte dele, de sua liberdade e de sua humanidade universal.

No socialismo, o homem poderia chegar à fase final de independência pessoal e material, quando haveria uma democracia verdadeira em que os trabalhadores controlariam todo o processo de trabalho e, conseqüentemente, aperfeiçoariam-se.

Conforme considerações de Marx^x, o meio para que se alçasse o socialismo (abolição do capital e das condições alienantes do trabalho) seria a *praxis revolucionária*. Esta consistiria na fusão da teoria e da prática, do pensamento e da ação, da filosofia e da revolução pela causa da libertação humana.

Essa unidade entre a teoria e a prática, em um ponto de vista aristotélico, não teria sentido. Aristóteles^{xi} define ambas como modos distintos e incompatíveis de conhecimento. O conhecimento teórico visaria ao universal, ao permanente e ao eterno, enquanto que o conhecimento prático visaria ao particular, ao aplicável e ao momentâneo.

O significado tradicional desse termo (*praxis*) modificou-se com Hegel^{xii}. Ele acreditava que o objeto do pensamento, ou seja, o universal e o eterno, poderiam ser criados pelo próprio pensamento, e que o objeto da teoria poderia ser modificado pela consciência humana. Esta constatação é expressa, em parte, na seguinte citação: “O que é racional é prático, e o que é prático é racional”. Alguns teóricos dão ênfase à afirmação de que “o que é racional é prático”. Isso pode ser considerado um apelo à organização do mundo de acordo com a razão.

Os novos hegelianos estenderam o conceito de *praxis* a uma nova relação revolucionária entre a teoria e a prática. Eles observaram, de acordo com Sarup, que as tentativas de resolução de problemas, como a alienação, teoricamente falham. Isso porque o problema e a sua solução envolvem a prática social^{xiii}. Para eles, portanto, a *praxis* significa que a revolução não pode ser resultado de mera crítica teórica, mas deve manifestar-se na ação social.

Marx, por sua vez, dá à teoria da *praxis* um conteúdo histórico concreto. Segundo suas considerações, a filosofia deveria sempre estar ligada à realidade histórica. No entanto, da maneira como era praticada pelos idealistas e materialistas tradicionais, assumia um caráter meramente contemplativo, representando um mundo ilusório de essências, separado do mundo da existência material. Na visão marxista de *praxis*, a filosofia deixaria de ser contemplativa para ser a teoria da revolução, cujo objetivo seria modificar a realidade ao invés de apenas compreendê-la. Isso fica evidente na seguinte afirmação de Marx:

A solução das contradições teóricas é possível somente através de meios práticos, somente através de energia da prática do homem. Sua solução, não é, portanto, tarefa apenas do entendimento, mas uma tarefa real da vida, uma tarefa que a Filosofia foi incapaz de

realizar precisamente porque viu ali um problema puramente teórico. (Marx, apud Sarup, p. 114)

Assim, a mudança social deixaria de ser simples teoria, e a implantação de uma sociedade socialista deixaria de ser utopia, desde que nesse sentido houvesse a prática do homem.

4 Os ideais socialistas em Schwarzenberg

Em Schwarzenberg, um grupo de ex-perseguidos pelo nazismo sonha transformar em uma república socialista livre um pequeno território que, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, ainda não havia sido ocupado pelas potências aliadas. Este sonho é idealizado por Max Wolfram, um ex-professor que, após a avaliação de sua tese de doutoramento, intitulada *Soziale Strukturen der Zukunft – Estruturas sociais do futuro* – é considerado subversivo e preso em Dresden. Em seu trabalho, Wolfram idealiza um estado regido pela razão, com uma constituição que garantisse por todos os tempos a liberdade das pessoas. Podem-se observar essas constatações no fragmento a seguir:

Naturalmente, mais do que um estudo comparativo, mais do que um tratado científico comum, para o qual bastariam algumas enumerações e uma quantidade insignificante de interpretações, as estruturas idealizadas por Wolfram seriam um programa. Um programa desenvolvido durante o mais incrível dos períodos da história mundial, em que, de todos os lados, aquém e além do oceano, as pessoas começavam a afogar-se umas no sangue das outras. Um programa, diante do qual, enquanto o elaborava, o cérebro do ideólogo girava feito um pião, sem poder parar, imaginando estados regidos pela razão, com constituições que garantissem por todos os tempos a felicidade e a liberdade das pessoas.^{xiv}

Com o bombardeio em Dresden, Wolfram foge e passa a residir em Schwarzenberg, onde tenta concretizar seu sonho de socialismo e democracia. Baseados em ideais marxistas, hegelianos e platônicos, Wolfram queria, que sua sonhada República de Schwarzenberg fosse uma sociedade cujo núcleo seria o povo: uma sociedade que alcançasse a verdadeira humanidade (*Menschenheit*) e a liberdade (*Freiheit*) através da democracia.

Seria difícil, porém, construir tal sociedade em um território como Schwarzenberg, em virtude da fome, doenças, precariedade de moradia, baixo nível de escolaridade e, sobretudo, exploração capitalista, o que se pode inferir a partir da seguinte passagem: “muitas pessoas trabalham por um salário

baixo ou até mesmo por quase nada nas ferrovias. Eles moravam amontoados em grandes salas de hospedarias confiscadas e em barracas feitas às pressas. A manutenção e a higiene eram deploráveis”.^{xv} Tais precariedades humanas são o que Marx denominou alienação social, isto é, um estado em que alguma outra coisa obtinha o que deveria pertencer ao homem: o direito de controlar suas próprias atividades. As más condições de vida tomam do homem esse direito. Esse quadro, em Schwarzenberg, é resultado da Segunda Guerra, da acumulação de capital por alguns donos de fábricas, ficando os trabalhadores muitas vezes sem atender às suas necessidades fundamentais; e, também, é resultado do regime nazista que, através de sua ação opressora, mantinha as pessoas na mais completa ignorância e inatividade, colocadas como peças em favor de um sistema e, a rigor, incapazes de reagir a ele.

Wolfram concebe um Estado cuja constituição opõe-se a esse quadro alienante e prima pela liberdade e pela igualdade de direitos do povo. Schwarzenberg seria uma república em que “todo o poder público emana do povo”^{xvi} e “todo cidadão seria igual perante a lei”^{xvii}, porque o próprio povo faria a lei. Os meios de produção, do mesmo modo, seriam coletivos, e os próprios trabalhadores controlariam os processos de produção. Através disso, os homens alcançariam a verdadeira liberdade que, conforme definição de Gerrard Winstanley, líder intelectual da Revolução dos Digger^{xviii}, durante o feudalismo inglês, lembrada por Wolfram, consistiria no acesso aos meios de produção. Isso pode ser confirmado pela passagem a seguir: “A verdadeira liberdade consiste no livre acesso à terra, ao solo, ou como hoje se diria aos meios de produção”.^{xix} Pode-se observar, pois, que na República de Schwarzenberg, alcançada essa liberdade pelo povo, a sociedade não mais precisaria de presidente, de exército ou de polícia.

Os ideais de Wolfram foram considerados por muitos, inclusive companheiros seus, utópicos. Frau Mutschmann, por exemplo, não acreditava que pudesse dar certo o novo governo – die neue Regierung – idealizado por Wolfram, o que se percebe pela passagem: “Governo! – Disse ela novamente e riu”.^{xx} Havia, entretanto, um modo de concretizá-los. Esse modo do qual Wolfram lançaria mão era a *praxis revolucionária*. Esta última, segundo Karl Marx, consistiria na fusão entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a ação, entre a filosofia e a revolução, pela causa da revolução humana. Essa fusão entre a teoria e a prática seria,

como mencionado anteriormente, impossível sob o ponto de vista aristotélico, por constituírem em modos distintos e não compatíveis de conhecimento.

Porém, Marx acrescentou à teoria da *praxis* um elemento que permite concretizá-la: a ação humana. Através da ação humana, os ideais de Wolfram deixariam de ser utopia e poderiam ser realizados em Schwarzenberg. Para obter esse engajamento do povo, Wolfram pretendia começar pela educação. Assim como a educação era considerada a base de formação de uma cidade na República, de Platão, também em Schwarzenberg seria desenvolvido um projeto de educação. Isso se infere a partir do trecho que se segue:

Ele pegou papel e lápis na mão e rabiscou no alto e no centro:

República de Schwarzenberg

Diretrizes para a escola.

(...) Escola – pensou ele – temas, tendências, métodos, tudo isso depende do tipo de estado que se planeja construir. Não é em vão que, a partir de Platão, todos os melhores utopistas trataram minuciosamente da educação dos jovens.^{xxi}

Educadas, as pessoas seriam mais ativas e construiriam uma sociedade mais sólida, alicerçada em princípios racionais, capaz de superar os resquícios do nazismo e da guerra, e de sustentar-se resistindo à pressão do capitalismo. A educação levaria as pessoas à luta pela independência de sua república, à cooperação e ao respeito à individualidade do outro, mesmo na coletividade.

Com o empenho do povo, a propriedade coletiva seria instituída e, a partir da satisfação das necessidades de todos, seriam alcançadas a liberdade e a democracia. “Primeiramente, todos os bancos e minas, assim como as grandes fábricas, a indústria e o comércio tornaram-se propriedade coletiva”^{xxii}. Para as propriedades coletivas seriam escolhidos conselhos que organizariam os assuntos internos da propriedade, regulariam os salários e os vínculos empregatícios e a produção.

A partir da propriedade coletiva, seriam satisfeitas as necessidades de todos e alcançadas a liberdade e a justiça. A democracia seria introduzida nas fábricas, obtendo-se uma nova atitude dos trabalhadores diante dos meios de produção e o fim da alienação:

Essa então, pensou ele, (...) era a implantação da democracia nas fábricas. Se essa tentativa desse certo, poderia ser o primeiro impulso para uma nova atitude do trabalhador para

com os meios de produção, e o começo do fim da alienação do próprio trabalho. Sobre essa alienação, Marx já havia escrito, e a sua causa não era tanto a miséria exterior do proletariado quanto sua miséria interior.

Um outro elemento estaria incluído nos demais meios de produção, o verdadeiro elemento, com o qual as pessoas tinham uma relação tão cheia de sentimentos que elas o consideravam uma parte de si mesmas. Esse elemento é a terra.^{xxiii}

Deste modo na sociedade socialista de Schwarzenberg, os homens poderiam plantar, conhecer todas as etapas dos processos de produção e interferir neles. Além disso, seriam livres da pressão do capital, podendo exercer a função de sujeito diante dos objetivos que produzissem, tornando-se esses objetos um motivo de deleite e não de opressão. Tudo isso os tornaria mais humanos.

CONCLUSÃO

A partir da análise de **Schwarzenberg**, pode-se perceber o grau de engajamento nele inscrito. Nesse sentido, basta observar o empenho do personagem Wolfram em elaborar um modelo de estado mais humano e, através desse modelo de estado, recuperar uma região desestruturada como Schwarzenberg. Deve-se atentar para a fundamentação teórica que norteia os ideais de Wolfram e, além disso, para a importância que ele dá ao homem como agente de transformação social, capaz de tornar possível a *praxis* e, através dela, reverter as condições da alienação social.

Essa crença de Wolfram (inspirada em Marx) no homem como ser ativo e no socialismo como modelo ideal de sociedade permite considerar **Schwarzenberg** uma das obras mais importantes da literatura engajada da Ex – RDA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMANN, B.; OBERLE, B. **Deutsche Literatur in Epochen**. 1.ed. München: Hueber, 1985.
- BOLLE, W. **Antes e depois do Muro**. Anais da VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea. São Paulo: FFLCH – USP, 1994.
- HEISE, E.; RÖHL, R. **História da literatura alemã**. São Paulo: Ática, 1986.
- HEYM, S. **Schwarzenberg**. Frankfurt: Fischer, 1998.
- LIRA TAVARES, A. de. **Quatro Anos na Alemanha Ocupada**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1951.
- MARX, K. **O Capital**. Livro 1: O processo de produção do capital. 8.ed. São Paulo: DIFEL, 1982.
- PILLA VARES, L. **Socialismo & Liberdade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SARUP, M. **Marxismo e educação**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1980.

NOTAS

ⁱ Acadêmico do 3º semestre do Curso de Letras, integrante do Grupo de Pesquisa 'Literatura e Autoritarismo', apoiado pelo CNPq. Trabalho orientado pela Profª. Drª. Rosani Ketzner Umbach (DLEM).

ⁱⁱ Com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, caiu também a monarquia lá existente, tornando-se o país uma república.

ⁱⁱⁱ Essas informações foram extraídas do livro *Perfil da Alemanha*, publicação do governo alemão.

^{iv} ENGLER, Erhard, 1994. "Como era..." – A literatura da Ex – RDA entre engajamento socialista e resistência. In *Antes e depois do Muro*. São Paulo. Anais da VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea.

^v ENGLER, Erhard. 1994. "Como era..." – A literatura da Ex-RDA entre engajamento socialista e resistência. In: *Antes e depois do Muro*. São Paulo. Anais da VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea, p. 11. "Segundo a definição de Stalin, o escritor era o 'engenheiro da alma humana'. Seria tarefa do escritor transmitir em suas obras uma imagem positiva do estado socialista, influenciando o povo a uma adesão ao sistema".

^{vi} SARUP, Madan. *Marxismo e educação*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p.143.

^{vii} Idem, *ibidem*. p. 143.

^{viii} Idem, *ibidem*. p. 143.

^{ix} Idem, *ibidem*. p. 111.

^x Apud SARUP, Madan. *Marxismo e educação*. p. 111.

^{xi} SARUP, Madan. *Marxismo e educação*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p.113.

^{xii} Apud SARUP, Madan. *Marxismo e educação*. p. 113.

^{xiii} Apud SARUP, Madan. *Marxismo e educação*. p. 113.

^{xiv} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 26.

"Natürlich waren die Strukturen mehr als eine vergleichende Studie gewesen, mehr als eine der üblichen wissenschaftlichen Schriften, die sich mit Aufzählungen und einen geringen Quantum von Interpretationen begnügten; es war ein Programm geworden, entwickelt in der unmöglichsten Periode der Weltgeschichte, da auf allen Seiten, diesseits und jenseits der Ozeane, die Menschen sich anschickten, einander in ihrem Blut zu ertränken, ein Programm, an dem sein Hirn, wie ein Kreisel, der nicht aufhören konnten sich zu drehen, noch hier in dieser Zelle arbeitete, Straßen erdenkend, in denen die Vernunft regierte, mit Verfassungen, die die Freiheit des Menschens und sein Glück für alle Zeiten garantierten". *Todas as traduções foram feitas pelo autor do trabalho.

^{xv} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 76. "manche arbeiteten sogar für billiger oder für gar kein Geld auf Bahnhöfen. Sie hausten in beschlagnahmten Gasthäusern, in ausgedehnten Sälen, in hastig zusammengestellten Baracken; Verpflegung und Hygiene waren jämmerlich."

^{xvi} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 124. "Alle Staatsgewalt geht vom Volke aus"

^{xvii} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 126. "Die Bürger der Republik sind vor dem Gesetz gleich".

^{xviii} Revolução ocorrida durante o feudalismo na Inglaterra.

^{xix} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 130. "die wahre Freiheit bestünde in freiem Zugang zur Erde, zum Boden oder wie man heute sagen würde, zu den Produktionsmitteln".

^{xx} HEYM, Stefan. *Schwarzenberg*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 142. ">> Regierung! << sagte sie dann wieder und lachte".

xxi HEYM, Stefan. Schwarzenberg. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 64-65. "Er nahm Papier und Stift zur Hand, strich sich über die Stirn und schrieb, oben Mitte,

Republik Schwarzenberg
Richtlinien für den Unterricht.

(...) Unterricht, dachte er: Themen, Tendenzen, Methoden, das alles hing ja wohl von der Art des Staates ab, den man zu errichten plante; nicht umsonst hatten, von Plato an, alle besseren Utopisten die ideale Erziehung der Jugend ausführlich behandelt".

xxii HEYM, Stefan. Schwarzenberg. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 130. "Als erste, alle Banken, Bergwerke, Hütten sowie Großbetriebe in Industrie und Handel werden Gemeineigentum".

xxiii HEYM, Stefan. Schwarzenberg. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 131. "Dies dann, dachte er, (...)war die Einführung der Demokratie in die Betriebe und mochte, wenn der Versuch gelang, der Anstoß sein zu einer neuen Haltung der Arbeiter zu den Produktionsmitteln und der Anfang vom Ende der Entfremdung von der eigenen Arbeit, über die Marx schon geschrieben hatte und die Ursache war nicht einmal so sehr der äußeren Verelendung des Proletariats als seines inneren Elends. Etwas anders lag die Sache bei dem anderen größeren Produktionsmittel, dem ureigentlichen, zu dem der Mensch eine so sentimentale Beziehung hatte, daß er es fast wie ein Teil seiner selbst betrachtete: dem Boden".